

Educação Sexual: promovendo respeito em sala de aula através de dinâmicas

Nathália Hernandes Turke¹
Felipe Tsuzuki²
Virgínia Iara de Andrade Maistro³

Resumo: A humanidade é fruto de uma sociedade repressora, sexista e discriminatória, pautada em preconceitos e falsos moralismos, onde sexualidade deve ser ensinada em casa, através de crenças religiosas; sexo é “tachado” como pecaminoso e imoral; homossexuais, bissexuais, transexuais, pansexuais e assim por diante, são vistos como promíscuos; *bullying* é dito “frescura”, levando muitos alunos e professores a possuírem medo e receio de falar abertamente sobre o assunto. Diante do contexto, foram pensadas atividades com o potencial de compreender as diferenças e a diversidade presente não somente na sociedade, como no eu. Assim, por meio da discussão, na qual se dá voz aos/as estudantes, foram organizadas aulas práticas com o intuito de promover o respeito, desenvolvidas durante as aulas de ciências, em turmas do Ensino Fundamental II (sexo ao nono ano), em escolas da rede pública na cidade de Londrina/PR. Para tal, foram utilizadas seis dinâmicas com os seguintes temas: educação sexual, gênero, preconceitos, *bullying*/exclusão, estereótipos e respeito. O trabalho foi analisado mediante a seguinte questão: aulas lúdicas sobre respeito, *bullying*, gênero e orientação sexual faz-se estratégia eficaz a fim de romper e desmitificar estigmas, tabus e preconceitos em sala de aula? Constatou-se que a falta de espaços para discussões sobre esses assuntos ainda provoca, pela falta de informação, conceitos errôneos, levando a preconceitos. Entretanto, ao tratar as discriminações e as maneiras de minimizá-las, de maneira lúdica, através de atividades práticas, com os discentes, é possível contribuir para a diminuição da intolerância existente dentro das escolas, bem como fora delas, demonstrando ser importante e necessário levantar essas questões com os jovens, instigando-os a repensar sobre seus atos e, principalmente, a modificá-los, a fim de diminuir agressões físicas e verbais.

Palavras-chaves: Sexualidade; Escola; Preconceito.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Campos Elíseos – Campus Londrina. nathalia.turke@hotmail.com.

² Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina. Educador da disciplina de Ciências da Natureza do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica para Estudantes Indígenas. felipe.tsuzuki@outlook.com.

³ Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Professora da Universidade Estadual de Londrina. virginiamastro@yahoo.com.br.

Introdução

Mosé (2013) questiona as atuais perspectivas das propostas de ensino que envolvem uma preparação para a vida e o exercício da cidadania, um ensino como um meio, desconsiderando, indiretamente, o seu presente e o seu contexto. Logo, se a escola por meio da educação lhe ensinará como viver e como praticar sua cidadania, o indivíduo ainda em aprendizado não vive e nem pratica a sua cidadania. A falha no sistema educacional é caracterizada pela não democratização desses espaços de ensino-aprendizagem, bem como a ausência do diálogo, onde ainda rege o autoritarismo nas relações professores-estudantes, apresentando-se inviável uma abordagem que estimule a criação, permanecendo apenas na reprodução dos conceitos.

Os espaços de educação formal que se pautam nesses princípios, se assemelham aos presídios ao constituírem metodologias e fins parecidos. Neste local, os estudantes são silenciados e seus conhecimentos prévios desconsiderados, pois se valorizam os conteúdos impostos e fragmentados. A partir desta análise, Mosé (2013) responsabiliza esse distanciamento da escola com sociedade como uma barreira para as relações humanas, como pode ser observado no trecho abaixo:

Essa falta de conexão da escola, tanto com a sociedade quanto consigo mesma, não é apenas prejudicial para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, que se dá pela capacidade de fazer relações cada vez mais amplas e complexas, mas prejudica também as relações humanas, a prática da justiça social, o exercício da cidadania, implica diretamente o aumento do grau de angústia e solidão e impulsiona cada vez mais ao consumo de produtos, de pessoas, de drogas lícitas e ilícitas. Participar da sociedade, interferir em suas instâncias, construí-la, nos dá uma sensação de pertencimento que nos fortalece e fortalece os acordos. Mas a escola foi se afastando dessa continuidade e se baseando em um conhecimento dividido e abstrato. (MOSÉ, 2013, p. 51).

A respeito dessa fragmentação e descontextualização dos conteúdos escolares, Freire (2014) identifica e detalha este fenômeno, propondo uma metodologia voltada e baseada nos conhecimentos prévios. A partir da consideração dos conhecimentos que já se tem, o indivíduo aprende a “dizer a sua palavra” e, portanto, não se vê obrigado a reproduzir as palavras de terceiros que, em seu contexto, não possui significado ou relevância. O autor postula a máxima à direita:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e das suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2005, p. 34).

Na interlocução e análise de Carvalho e Ibiapina (2009), a obra *A construção do pensamento e da linguagem* de Vigotski (2001), discute o papel dos signos no processo de aprendizagem, transformando suas funções psíquicas em superiores, agindo como mediador do desenvolvimento psicológico. Nesta mesma obra, Vigotski se refere à Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI) como o desenvolvimento potencial, as características emergentes dos estudantes, contudo explicita que o desenvolvimento dessas habilidades se tornará potenciais apenas se houver a mediação de outros, uma vez que estes irão estimular este desenvolvimento. Assim, esses estudos se complementam, uma vez que esta mediação e não imposição está presente no discurso de Freire (2005), quando este afirma que a pedagogia do oprimido deveria ser produzida com e não para esses que buscam recuperar sua humanidade. Saviani (1987) descreve a necessidade de uma prática educativa que dirija do senso comum à consciência filosófica, ou seja, “passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada”.

No que tange a sexualidade, Gomes e colaboradores (2002) identificam um déficit no conhecimento acerca do corpo, do sexo e das sexualidades de 6.419 estudantes de 10 a 14 anos. Os autores apontam a necessidade de mais programas e iniciativas que proporcionem as discussões que compreendem estas temáticas. Madureira (2009) ressalta a lacuna existente entre Parâmetros Curriculares Nacionais - Temas Transversais, no qual se encontram propostas para a educação sexual no âmbito escolar, e a realidade da forma com que a sexualidade é trabalhada na escola, quando isto ocorre. A autora mostra que as sexualidades e os gêneros são discutidos, principalmente, pelos/as professores/as de ciências. Além de apresentar as problemáticas encontradas na formação inicial e continuada dos mesmos, propõe a construção de espaços de discussão e problematização sobre as bases afetivas, bem como a origem histórica e cultural dos preconceitos contra a diversidade, seja ela sexual, de gênero, étnica ou relacionada a portadores de necessidades especiais. Louro (1997) ressalta a importância da abordagem de assuntos que permeiam os gêneros e as sexualidades:

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos (LOURO, 1997, p. 81).

Embora Britzman (2000) afirme que o termo “educação sexual” esteja relacionada a uma proposta de higienismo social, no qual compreende apenas uma visão biológica e instrumental da sexualidade, neste trabalho esta terminologia apresenta um viés mais abrangente que engloba uma perspectiva também social e histórica. Portanto, assemelha-se do significado de “orientação sexual”, pois este termo diz respeito ao trabalho pedagógico escolar de discussão da sexualidade (FURLANI, 2009).

Segundo Furlani (2003), a manutenção dessa educação fragmentada e que desconsidera os/as estudantes no âmbito da educação sexual, resultará e perpetuará nos mitos, tabus e preconceitos trazidos e reproduzidos pelos/as estudantes. Assim, Furlani (2003) caracteriza os mitos sobre as sexualidades:

Mitos sexuais existem e podem ser compreendidos como concepções errôneas e/ou inadequadas que podem surgir a partir de rumores, ou mesmo, através de uma educação sexual pouco elaborada e credices populares. Os tabus sexuais são aspectos da sexualidade que a sociedade, de certa forma, não aceita, como a homossexualidade, a masturbação, a iniciação sexual da mulher antes do casamento, etc. Ainda hoje, quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos. (FURLANI, 2003).

Como rompimento destes paradigmas e possível ferramenta para resolução de problemas não apenas relacionados a sexualidade e gênero, mas de aspecto social, como a violência e o assédio moral (*bullying*) presente dentro e fora das escolas, Louro (2001) elabora uma pedagogia e um currículo *queer*. Nesta intervenção, a autora pretende questionar a binariedade e a polarização, além de problematizar a *heteronormatividade* imposta e as diversas identidades. A metodologia dialética utilizada considerara o indivíduo como participante ativo na construção do seu conhecimento, desta forma, impedindo que os mitos e tabus (baseados em construções históricas, culturais e religiosas) continuem a ser reproduzidos. Contudo, estes mitos e tabus atuarão como mediadores para o entendimento dos conceitos, uma vez que estes diante da problematização mostrarão a sua falta de fundamento e nesta lacuna serão propostos novos conhecimentos, agora, muito bem fundamentos (LOURO, 1997). Abaixo, Louro (2001) diferencia a pedagogia e o currículo *queer* dos trabalhos já realizados ou propostos, explicitando a necessidade de compreender o outro, para além de distanciar as diferenças, mas identificar as diferenças em si:

Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocar em discussão as formas como o 'outro' é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu como outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO, 2001)

Diante do contexto, foram pensadas atividades que tinham o potencial de compreender as diferenças e a diversidade presente não somente na sociedade, como no eu. Assim, por meio da discussão, na qual se dá voz aos/as estudantes, foram organizadas aulas dinâmicas com o intuito de promover o respeito, desenvolvidas durante as aulas de ciências. O trabalho foi analisado mediante a seguinte questão: aulas lúdicas sobre respeito, *bullying*, gênero e orientação sexual faz-se estratégia eficaz a fim de romper e desmitificar estigmas, tabus e preconceitos em sala de aula?

Metodologia

As aulas práticas foram desenvolvidas nas aulas de Ciências de turmas do Ensino Fundamental II (sexto ao novo ano), em escolas da rede pública na cidade de Londrina/PR. Para tal, foram utilizadas dinâmicas com os seguintes temas: educação sexual, gênero, preconceitos, *bullying*/exclusão, estereótipos e respeito.

Dinâmica 01: Educação Sexual

Após ser explicado o significado de Educação Sexual, foram abordados temas como higiene pessoal, menstruação, gravidez precoce e prevenção. Foram levados para a sala de aula diferentes tipos de absorventes femininos (externo, interno e coletor menstrual), bem como os métodos contraceptivos (diafragma, camisinha masculina e feminina, DIU, anel vaginal, adesivo, pílula e anticoncepcional injetável) e de emergência (pílula do dia seguinte), sendo explicada a maneira de utilizá-los e eficácia.

Faz-se importante salientar que ao falar sobre sexualidade, além de abordar os assuntos citados inicialmente, devem-se incluir temas como gênero, orientação sexual, masturbação, pedofilia, estupro, virgindade, pornografia, feminismo e machismo, orgasmo, ejaculação, desempenho sexual, bem como auto-estima e sentimentos.

Posteriormente, foi desenvolvida uma dinâmica denominada “Dança da Transmissão”, a fim de introduzir a temática “Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)”.

- *Dança da Transmissão*

Os materiais necessários são: copos descartáveis transparentes, água da torneira, água tônica, luz negra e música da atualidade, conhecida pela maioria dos alunos.

A pessoa responsável pelo desenvolvimento da prática preencheu até a metade a maioria dos copos com água de torneira, contudo a um (ou dois, dependendo da quantidade de alunos presentes) é adicionado água tônica sem gás, deixando-o similar aos outros. Logo em seguida, os copos descartáveis foram entregues aos alunos – alguns estando duplicados, ou seja, dois copos, um dentro do outro.

Brevemente, fez-se uma explicação sobre como a dinâmica seria conduzida, onde os discentes deveriam andar por todo o ambiente disponível, como se estivessem em uma festa (uma “balada”), dançando e trocando o conteúdo de seu copo com o dos colegas enquanto a música tocava. Ao final da melodia, os mesmos formaram uma fila e analisaram e compararam com os colegas o líquido presente em seu copo. Os alunos se dividiram em dois grupos – o primeiro possui um líquido com coloração azul (característica da luz negra), enquanto o segundo possui coloração roxa, brilhando em contato com a luz negra.

Ao final, explicou-se que apenas um (ou dois) copo continha água tônica no começo da oficina, a qual contém “quinino”, substância que em contato com a luz negra reflete a coloração “roxa brilhante”, enquanto todos os outros participantes receberam copos com água pura. Entretanto, ao final, mais da metade da turma se “contaminou” com a água tônica.

Houve, então, uma discussão sobre a importância de se prevenir ao manter relações sexuais com outras pessoas, principalmente desconhecidas. Isso se deve ao fato de ninguém possuir uma indicação de que possui certa infecção, como HPV, AIDS e assim por diante – fez-se uma analogia ao mostrar aos discentes que nenhum tinha consciência de que estava trocando líquidos com pessoas “infectadas”. Mostrou-se que alguns jovens possuíam dois copos, atestando que mesmo tendo adquirido alguma infecção, a mesma permaneceu na camisinha, simbolizada pelo primeiro copo, deixando a pessoa intacta (representada pelo segundo copo).

Foram citadas as diferentes infecções sexualmente transmissíveis, enfatizando a importância de não haver preconceito com pessoas soropositivas, as quais possuem uma vida normal, como qualquer outro ser humano

A oficina foi dada como finalizada ao esclarecer as dúvidas dos participantes, sobre qualquer tema voltado à sexualidade, onde as indagações puderam ser feitas em voz alta ou através de papéis em branco, em anônimo.

Dinâmica 02: Gênero

Inicialmente fez-se um diálogo sobre as diferenças existentes entre conceitos como sexo, gênero e orientação sexual. Logo em seguida, esquematizou-se uma tabela no quadro, com a separação “Menino X Menina”.

Os discentes foram convidados a categorizar coisas que imaginavam ser específicas para meninas e coisas específicas para meninos, como características físicas, biológicas, atitudes, objetos que os mesmos usariam no dia-a-dia, como cores, brinquedos, jogos, roupas e assim por diante.

Após isto, todos tiveram a oportunidade de concordar ou discordar da separação feita, no quadro, pelos colegas, argumentando sobre sua posição. Através desta atividade foi possível desmistificar algumas ideias do que “é ser homem” e do que “é ser mulher”.

Dinâmica 03: Bullying/Exclusão

Foram confeccionados papéis com algumas características utilizadas ao julgar uma pessoa sem conhecê-la, bem como modos de tratá-la por conta disso, como: “Sou confiável: ouça-me”, “Sou arrogante: conteste o que eu digo”, “Sou chato, afaste-se de mim”, “Sou feio, tire sarro de mim”, “Sou extrovertido, me dê um sorriso”, “Sou popular, faça-me um elogio” e assim sucessivamente.

Os papéis foram fixados com fita crepe na testa de cada participante, os quais não sabiam as características que estavam recebendo e, apenas através do que se podia ler nas fichas dos colegas, seguiram o que a frase mandava fazer durante determinado tempo.

Ao final, foi feita uma discussão sobre como cada discente se sentiu ao ser tratado de certa maneira e sobre os modos capazes de melhorar a forma de comportamento perante as pessoas a sua volta.

Dinâmica 04: Respeito

Cada estudante encheu uma bexiga e a amarrou em seu tornozelo. Após o sinal da professora, todos deveriam manter sua bexiga cheia, a fim de ganhar um prêmio ao final. Rapidamente, um tentou estourar a bexiga do outro, terminando a dinâmica quando apenas um possuía sua bexiga intacta. Foi conversado sobre como todos poderiam ter sido presenteados, caso não houvessem tentado levar os colegas ao fracasso, visando a importância de haver diálogo e respeito entre as pessoas.

Dinâmica 05: Concorde e Discordo

Em um lado da sala foi colado um papel escrito “Concordo” e no outro lado um escrito “Discordo”. Foram lançadas afirmativas para os alunos, a fim de identificar suas percepções sobre as questões de gênero, principalmente no que diz respeito à opressão da mulher na sociedade.

As afirmativas lançadas foram as seguintes: “Os pais são mais controladoras com as filhas do que com os filhos”, “Homens não podem chorar”, “As garotas querem encontrar um homem pra casar e têm medo de ficarem sozinhas”, “Limpar a casa e cuidar dos filhos é dever da mulher”, “Os homens são, naturalmente, mais agressivos do que as mulheres”, “Os homens possuem instinto controlador, não deixando suas namoradas/esposas usarem roupas curtas e saírem sozinhas”, “É natural falar mal de garotas que saem pra beber com os amigos”, “É normal o homem trair”, “O que o homem mais valoriza em uma mulher é o fato dela ser gostosa”, “Se homens beijarem várias mulheres são garanhões; mulheres são putas”, “Mulher não pode usar roupa curta ou sair na rua a noite sozinha, se não está pedindo para ser estuprada”.

A cada afirmação lançada, os jovens escolhiam para qual lado da sala iriam se posicionar, sendo organizada uma discussão para cada assunto, onde foi possível cada um defender o seu lado.

Dinâmica 06: Estereótipos

Separados em grupo de quatro ou cinco pessoas, foram entregues revistas e uma folha sulfite aos grupos. Deu-se a seguinte tarefa: “Vocês devem escolher a figura de uma pessoa nessa revista e, através unicamente da visualização da imagem selecionada, escolher nome, idade, profissão, bem como outras características”.

Ao final, os discentes puderam apresentar para a turma os motivos pelos quais selecionaram aquela gravura e deram aquelas características para a pessoa. O intuito desta atividade foi desmitificar estereótipos, já que diversas vezes julgamos, erroneamente, “o livro pela capa”, mostrando a importância de conhecer as pessoas antes de pressupor algo.

Ao final de todas as oficinas, foi evidenciada a importância de tratar todas as pessoas da mesma maneira porque, apesar das diferenças encontradas, todos merecem o devido respeito.

Considerações finais

Durante as discussões, abordaram-se temas sobre a forma de tratar as pessoas, no dia-a-dia tanto dentro da escola como fora dela, onde às vezes, um cidadão acaba sendo excluído

dos círculos de amizade ou trabalho simplesmente por ser “diferente” do esperado, como ser negro, estar acima do peso ideal imposto pela sociedade, possuir alguma deficiência, usar óculos, ser tímido, utilizar roupas ou cabelos diferentes dos colegas e assim sucessivamente. Também foi discutido sobre preconceitos contra negros, índios, deficientes, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais, transexuais, diferentes religiões, distintos padrões de moda e beleza. Destacou-se a necessidade de desmitificar tabus sobre as relações de gênero na sociedade, advindos de uma reparação de “coisas corretas para homens e mulheres”. Assim, visou-se a igualdade e o direito de “poder ser você mesmo”, sem ser julgado por padrões pré-estabelecidos por uma sociedade arcaica e preconceituosa.

Foi possível perceber que, no início das oficinas, muitos jovens demonstraram preconceitos e falta de respeito, muitas vezes escondidos em piadas e ironia. Contudo, notou-se que muitos participantes se quer sabiam a diferença entre sexo, gênero e orientação sexual, bem como desconheciam algumas religiões, ou as compreendiam de maneira equivocada – fato que pôde ser percebido quando equipararam a Umbanda com macumba.

Durante as discussões foi enfatizado o preconceito pré-estabelecido em cada um, mesmo quando a pessoa acha que está livre do mesmo, utilizando exemplos do dia-a-dia, como: o modo de olhar para uma pessoa com deficiência; julgar alguém pelo seu modo de se vestir ou se portar, por possuir tatuagens ou *piercings*; não ajudar um idoso ou um deficiente a atravessar a rua quando necessário ou não ceder seu lugar no banco do ônibus para uma mulher grávida; se sentir perseguido apenas por haver um indivíduo negro andando próximo na rua; não respeitando as diferentes religiões e assim por diante.

Parte do preconceito que os jovens possuem vem de uma influência existente em casa, na escola, na igreja, entre outros lugares, mas outra boa parte apenas está presente por conta da falta de informação sobre a diversidade de indivíduos e a necessidade de respeitar uns aos outros, sem julgar o caráter de alguém através de sua aparência.

Constatou-se que a falta de espaços para discussões sobre esses assuntos ainda provoca, pela falta de informação, conceitos errôneos, levando a preconceitos. Entretanto, ao tratar as discriminações e as maneiras de minimizá-las, de maneira lúdica, através de atividades práticas, com os discentes, é possível contribuir para a diminuição da intolerância existente dentro das escolas, bem como fora delas, demonstrando ser importante e necessário levantar essas questões com os jovens, instigando-os a repensar sobre seus atos e, principalmente, a modificá-los, a fim de diminuir agressões físicas e verbais.

Referências

- BRITZMANN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L.(Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2000. p. 85-111.
- CARVALHO, M. V. C.; IBIAPINA, I. M. L. M. A abordagem histórico-cultural de Lev Vigotski. In: CARVALHO, M. V. C.; MATOS, K. S. A. L. (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. Fortaleza: Coleção diálogos intempestivos, 2009. p. 161-198.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 44ª Ed. Editora Paz e Terra, 2005.
- FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: *Sexualidade. Secretaria de Estado da Educação*. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED –Pr., 2009.
- _____. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. Autêntica Editora, 2003.
- GOMES, W. D. A.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L.; SANTOS, C. A. S. T.; BACELAR, E. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. **Petrópolis: vozes**, p. 20, 1997.
- _____. Teoria queer-uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 541, 2001.
- MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral et al. Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática. 2009.
- MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. Editora José Olympio, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.
- VIGOTSKI, Lev S. A construção do pensamento e da linguagem. 2001.